UNAERP - UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

JORNALISMO

ANDRIELLY CAROLINA FERRO SILVA

RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO LIVRO-REPORTAGEM: POR DENTRO – PLANTÃO COVID

RIBEIRÃO PRETO

NOVEMBRO/2020

ANDRIELLY CAROLINA FERRO SILVA

RELATÓRIO DE PRODUTO MIDIÁTICO LIVRO-REPORTAGEM: POR DENTRO – PLANTÃO COVID

Relatório do Produto midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito parcial da disciplina para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.
Orientador(a). Prof. Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi**.**

RIBEIRÃO PRETO

NOVEMBRO/2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO....4
1.1 CORONAVÍRUS....5
2 OBJETIVO....6
3 JUSTIFICATIVA....7
4 PÚBLICO-ALVO....8
5 ENTREVISTADOS....8
6 DETALHAMENTO TÉCNICO....9
7 SINÓPSE....11
8 ROTEIRO....11
9 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO....13
10 RELATO DE PRODUÇÃO....13
11 CONSIDERECÕES FINAIS....15
REFERÊNCIAS....18
APÊNDICE....19
ANEXOS....26

1 INTRODUÇÃO

Como bem define Edvaldo Pereira Lima na obra *Páginas Ampliadas* (1998) o livro-reportagem atua como um “extensor do jornalismo impresso cotidiano” realizando um aprofundamento dos temas. Algo que, os veículos periódicos, premidos por condições próprias de produção, incluindo limitações de tempo e espaço, não são capazes de comportar. O dicionário da Língua Portuguesa (BUENO, 2007, p. 476) define livro como “reunião de folhas impressas ou manuscritas em volume; obra em prosa ou verso com certa extensão”. Por sua vez, as normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), apenas consideram como livros obras que contenham, no mínimo, 48 páginas.

No caso do livro-reportagem, as páginas devem ser constituídas de literatura não ficcional, ou seja, todos os fatos e informações do miolo devem ser verídicos. Esse tipo de produto midiático possibilita o preenchimento das lacunas deixadas pela imprensa regular e a consolidação do seu espaço no mercado editorial como narrativa de não-ficção.

> Ora, à medida que certos temas importantes não têm nos veículos jornalísticos convencionais a guarida que merecem, à medida que os profissionais mais criativos e inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial por causa do esquema rigidamente industrial com que se produz o jornalismo atual, a alternativa natural é a elaboração da grande reportagem na forma de livro (LIMA, 1998, p. 12 e 13)

Em outras palavras, é visto como uma alternativa à falta de espaço na imprensa e trabalha com a literatura da realidade. O jornalista-autor consegue experimentar opções inovadoras de observação, análise e expressão:

> [...] exige a imersão do repórter no cenário sobre o qual escreve, resgata a dimensão humana dos personagens, lança os recursos de linguagem aos extremos da arte de comunicar, transforma a compreensão do mundo (LIMA, 2004)

Quando bem executada, o resultado da obra é capaz de impactar e transformar o ponto de vista do leitor.

> O livro-reportagem tem a função de transformar a realidade, de construir a memória dos acontecimentos e tem um papel educativo e de formação do texto jornalístico – elementos que são inerentes à prática e ao resultado da grande reportagem (MEDINA, 1982)

Para Pessa (2009, p. 02) as peculiaridades e utilidades específicas do livro-reportagem se delineiam a partir de uma parceria com veículos de comunicação periódicos, “cuja natureza cria demandas para que se produzam livros-reportagens”. Uma das vantagens em relação ao jornalismo convencional é que o livro-reportagem foge do factual, ele é atemporal e serve como registro histórico sobre os fatos divulgados em outros veículos, porém com menos profundidade.

Reforçando as definições já apresentadas, Eduardo Belo (2009, p.16) afirma que o repórter que deseja se aprofundar em determinado assunto e não encontra abertura do jornal ou revista em que trabalha, “deve se aventurar a escrever um livro-reportagem, que se mostra como uma boa alternativa para quem sabe escrever de forma atraente e se dispõe a fazer um bom trabalho de pesquisa e apuração”.

> Para entender a contemporaneidade, o livro-reportagem avança no tempo histórico, “ressuscitando” o pretérito, que ganha sobrevida e é reatualizado em seus significados. Tais procedimentos aproximam o jornalismo praticado no livro-reportagem da história, o que não acontece de forma acidental, pois o exercício do jornalismo literário estampado no suporte livro está sempre aberto ao diálogo e apropriação de recursos das ciências humanas e sociais. (PESSA, 2009, p.03)

Belo (2009) também conceitua pelo menos 12 tipos distintos de Livro-Reportagem. O resultado final do livro-reportagem em questão mescla três deles: Livro-Reportagem Depoimento (porque reconstitui um fato ou vários acontecimentos a partir do ponto de vista do personagem); Livro-Reportagem Retrato (porque oferece uma visão aprofundada sobre um tipo de atividade) e o Livro-Reportagem História (porque repercute e contextualiza um fato histórico)

1.1 CORONAVÍRUS

O tema escolhido para encabeçar este trabalho é a rotina de cincos profissionais da saúde da Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo durante a pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2). A doença provocada pela variação originada na China foi nomeada oficialmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como COVID-19, em 11 de fevereiro de 2020. No entanto, o primeiro alerta para a doença foi emitido três meses antes, em 31 de dezembro de 2019, depois que as autoridades chinesas notificaram casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, metrópole daquele país.

Comparada à pandemias anteriores, a taxa de letalidade do Coronavírus não é tão alta, mas especialistas sabem que é um vírus de rápida e fácil propagação. O elevado número de vítimas em um curto espaço de tempo podem causar uma superlotação do sistema de saúde e afetar o quadro emocional de todos os profissionais de saúde envolvidos na linha de frente.

De acordo com o balanço global feito pela universidade norte-americana Johns Hopkins, no dia 4 de junho de 2020, cerca dois meses desde que foi declarada oficialmente pandemia, o Brasil passou a marca de 600 mil infectados e apareceu na segunda posição de países com mais casos confirmados da doença. O País conta com quase cinco milhões de profissionais de saúde e grande parte deles se expõe diariamente ao novo coronavírus com a missão de salvar vidas. São médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, auxiliares de enfermagem e inúmeras outras funções que colocam em risco a própria vida para garantir o bem estar das pessoas hospitalizadas.

O Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto é um dos hospitais públicos brasileiros de referência para o tratamento de diversas doenças, incluindo a Covid-19. A direção do hospital disponibilizou, em um primeiro momento, em caráter excepcional, 61 leitos de UTI e 48 de enfermaria para o tratamento de pacientes com o coronavírus. A realidade diária sobre o que acontece na Unidade de Emergência desse hospital e na vida dos médicos que nela trabalham, cuidando dos pacientes com Covid-19, foi escolhida para estrelar o livro-reportagem.

2 OBJETIVO

O principal objetivo do livro-reportagem é relatar e humanizar a rotina de cinco profissionais da saúde do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto que trabalham na linha de frente ao combate do novo Coronavírus (Sars-CoV-2). Devido ao tempo e espaço das mídias convencionais, as notícias sobre o assunto acabam sendo menos narrativas, configuradas em um texto que não vale a criatividade estilística. Tal criatividade será oferecida nesse livro. Podemos citar também, na mesma importância, o objetivo de comprovar que fatores externos são capazes de influenciar o quadro emocional tanto por parte desses profissionais quanto das pessoas hospitalizadas e seus familiares, podendo, então, atrapalhar ou atrasar a dinâmica dos tratamentos.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha por abordar esse tema em um livro-reportagem se justifica pelo próprio conceito de livro-reportagem: possibilitar ao jornalista explorar os detalhes e o contexto dos temas agendados na imprensa cuja natureza cria demandas para que se produzam esse gênero jornalístico. Muito se lê, ouve e vê sobre os desafios dos profissionais da saúde durante a pandemia do novo Coronavírus, mas pouco se sabe sobre a vida real das pessoas que trabalham na linha de frente ao combate dessa doença. O livro permite ao leitor um conhecimento humano e profundo e, muito além disso, permite que o leitor se sinta parte do relato. O projeto também conta parte da história do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, que não é veiculado na mídia convencional por falta de espaço, justificando, mais uma vez, a escolha por este gênero.

Como sabemos, o livro-reportagem é um produto jornalístico perene e, ao narrar o cotidiano dos profissionais de saúde do Hospital das Clínicas na linha de frente do combate ao coronavírus, perpetua o registro deste período de enfrentamento no hospital que é considerado o maior complexo hospitalar da América Latina e uma das melhores instituições médicas latino-americanas, à maior pandemia desde a gripe espanhola, na década de 1920.

Conforme mencionado anteriormente, todo o trabalho foi escrito em um Livro-Reportagem que teve como base o estilo Livro-Reportagem Depoimento, aquele que reconstitui um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos a partir da visão de um ou mais personagens centrais. No caso, os personagens centrais são os

profissionais da saúde do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto - Unidade de Emergência . Para se conseguir depoimentos aprofundados, foi necessário utilizar a ferramenta de entrevista, a fim de deixar o entrevistado à vontade para recorrer sobre suas experiências mais pessoais envolvendo o tema. Segundo Nilson Lage (2008), no jornalismo, este é um procedimento clássico no levantamento de informações, é a forma utilizada para coletar interpretações, reconstruir fatos a partir de fontes. Lima (2004, p.107) conclui que “a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza”. O produto final também pode ser considerado parcialmente um Livro-reportagem-Retrato, pela justificativa de oferecer uma visão aprofundada sobre uma atividade da sociedade que, no caso, é a medicina, e um Livro-reportagem-História repercutindo e contextualizando um fato histórico: a pandemia do novo Coronavírus.

4 PÚBLICO-ALVO

O livro-reportagem tem como público-alvo aqueles que desejam conhecer, muito além do factual, o cotidiano de profissionais da saúde de um dos maiores e mais renomados hospitais públicos do Brasil, localizado em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, acrescentando à pesquisa uma dimensão humana mais aprofundada do hospital e seus funcionários. Em decorrência do tema, o livro tende a um grupo de leitores com interesses em comum por questões ligadas ao comportamento de médicos durante uma pandemia.

No geral, os leitores podem ser classificados em juvenil e adulto, de ambos os sexos. Juvenil porque esse público já tem total autonomia sobre o que quer ler e já sabe o que o agrada. Ademais, essa classificação permite a utilização de uma linguagem mais abrangente, que varia desde a mais padrão a um texto bem mais elaborado. Por sua vez, os adultos tendem a ser um pouco mais exigentes com o texto, narrativa e história, mas, apesar desse perfil, o tema do livro-reportagem se adequa ao gosto desse público por histórias mais complexas, que tenham um envolvimento direto com suas vidas, seja na política, economia ou saúde.

5 ENTREVISTADOS

- Fernanda Longhini – PSICÓLOGA NA UTI DA UNIDADE DE EMERGÊNCIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO
- Gabriela Levorato Pereira – ENFERMEIRA OPERACIONAL DO NÚCLEO DE REGULAÇÃO INTERNA DE LEITOS DA UNIDADE DE EMERGÊNCIA DO HC
- Júlio César Salgado – ENFERMEIRO QUE TRABALHA DIRETAMENTE NA ÁREA VERMELHA COM PACIENTES GRAVES COM COVID-19
- Lucas Barbosa Agra – MÉDICO INFECTOLOGISTA COORDENADOR DA UNIDADE DE EMERGÊNCIA DO HC-RP QUE TAMBÉM TRABALHA NA UTI DA ALA COVID (FOI INFECTADO, FICOU 12 DIAS INTERNADO, PRECISOU DE OXIGÊNCIO E POSTERIORMENTE RETORNOU AO TRABALHO)
- Marcelo Weber – FISIOTERAPEUTA DA UNIDADE DE EMERGÊNCIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS QUE AUXILIA PACIENTES GRAVES COM COVID-19

As entrevistas foram feitas em duas etapas. No primeiro contato com os entrevistados, de forma remota, foram levantados dados mais técnicos, relativos ao trabalho em si (horas de trabalho diária, como é a rotina, o que a pessoa faz exatamente, há quanto trabalha ali, etc.). Na segunda etapa, realizada presencialmente, houve uma conversa mais aprofundada com o personagem no próprio local de trabalho dele. Dessa forma, foi possível levantar aspectos mais humanos, emocionais e pessoais dos profissionais escolhidos e observa-los de perto (como a pessoa lida com a profissão, como lida com a morte, como se relaciona com cada paciente, com os outros funcionários, etc.).

6 DETALHAMENTO TÉCNICO

Definição: Livro-reportagem-depoimento sobre a rotina de cinco profissionais da saúde que trabalham na Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto durante a pandemia do novo Coronavírus.

Plataforma: O livro-reportagem será impresso e também e-book, por questões óbvias e particulares de cada plataforma que permitem um maior alcance aos diferentes perfis de leitores. Muitas vantagens que o impresso têm o e-book não

têm, e vice-e-versa: Os e-books são virtualmente gratuitos, a porcentagem em royalties é alta, a distribuição é ampla e a formatação é simples. O processo é mais rápido, mais barato e menos complicado do que a publicação de um livro impresso. Em contrapartida, apesar do custo de impressão, formatação página por página, frete e distribuição, os impressos permitem maior concentração e geralmente são menos cansativos do que os digitais, principalmente aos leitores sensíveis à luz de fundo dos celulares e *tablets.*

Formato: *Por Dentro- Plantão Covid* têm 110 páginas no e-book, oito capítulos além de prólogo e prefácio. A obra impressa será composta de papel "Pólen", com tamanho 14x21cm e margens com as seguintes demarcações:

- Superior: 2 cm
- Interna: 1,5cm
- Inferior: 2 cm
- Externa: 1,5 cm
- Sangria: 0,5 cm

A capa do livro-reportagem será projetada em "Couche", e o acabamento será estilo brochura: formato mais comum, com a lombada quadrada.

Tiragem e distribuição: A tiragem foi definida junto à editora Telha, responsável pela comercialização, diagramação, capa, registro do livro e outros detalhes mais técnicos. A priori, serão impressos 100 exemplares. Quanto à distribuição, será feita na secretaria do curso de jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, na assessoria do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, individualmente aos personagens da obra, familiares, professores, e amigos da autora. Em questões comerciais, o livro estará disponível para venda na livraria da Travessa no Ribeirão Shopping, a data, porém, ainda depende da finalização do mesmo junto à editora.

Conteúdo: Como mencionado anteriormente, o livro possui oito capítulos que discorrem sobre a vida de cinco profissionais da saúde da Unidade de Emergência do HC de Ribeirão Preto que tratam doentes da Covid-19. Também foi dito que a obra conta com prólogo e prefácio. O prólogo menciona a internação de um infectologista, narrada por ele, em 1ª pessoa. Já o prefácio é escrito por um médico que avaliou a obra depois de pronta.

Característica de Linguagem: A linguagem adotada foi a do jornalismo com aspecto literário comumente conhecida por proporcionar ao jornalista-escritor mais liberdade, mais criatividade, mais narratividade, mais aproximação com o leitor, além de espaço suficiente para retratação dos detalhes dos fatos. O enredo da narrativa é feito de modo alinear e começa por um ponto que não seja a apresentação. Foi usado um clímax logo no início para prender a atenção do receptor. Nessa narração o leitor poderá perceber que é muito comum a presença de flashbacks.

Assim como no livro-reportagem Rota 66, de Caco Barcellos, temos dois tipos de narradores: o Narrador personagem e o Narrador onisciente. O narrador personagem participa em alguns trechos oportunos da história e conta os acontecimentos em 1ª pessoa, apresentando uma visão parcial dos fatos. Por sua vez, o narrador onisciente (em 3ª pessoa), não participa da história, mas sabe de tudo.

7 SINÓPSE

No dia que antecedeu o início de uma nova década, autoridades chinesas emitiram um alerta à Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre uma série de casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan, metrópole daquele país. Três meses e 11 dias depois foi declarada, oficialmente, uma nova pandemia, a maior desde a gripe espanhola, na década de 1920.

Resultado de uma coletânea de relatos de cinco profissionais da saúde da Unidade de Emergência (UE) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HCFMRP-USP), *Por Dentro – Plantão Covid* é um retrato complexo da realidade humana ao longo do período de enfrentamento do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) nesse hospital que é considerado o maior complexo hospitalar da América Latina. Armada de dados e histórias reais que explicam literariamente, sob diferentes óticas, um importante momento da história mundial, a obra permite, pela primeira vez, a imersão do leitor a um dos lugares mais íntimos da história do vírus. Um tipo de reportagem que alia um texto de alta qualidade a um olhar que foge aos lugares-comuns.

.

8 ROTEIRO

CAPÍTULO 1 – A ÁREA VERMELHA: O livro começa com uma “cena” de alguns pacientes críticos que estão sendo tratado pelo enfermeiro Júlio Salgado na área covid da Unidade de Emergência do HC. Com dinamismo, contaremos o momento entre a vida e a morte do paciente. Essa parte permitirá que o leitor se sinta dentro da sala da UTI, como um observador. Já que a semana em que o depoimento foi uma das mais graves situações de taxa de ocupação dos leitos em Ribeirão Preto desde o início da pandemia, explicaremos também que o paciente é considerado “sortudo” por ter conseguido um leito na UTI hospital em questão.

CAPÍTULO 2 – TUDO DEPENDE: O capítulo explicará como se dá o processo de contaminação do coronavírus e um procedimento comuns nos graves mais graves da doença, cujo paciente do capítulo anterior foi submetido às pressas: a entubação. Também é introduzido o personagem do fisioterapeuta Marcelo Mender.

CAPÍTULO 3 – A MATEMÁTICA DAS UTIS: Nesse capítulo o leitor vai conhecer como funciona a parte de regulação interna dos leitos no Hospital das Clínicas. A enfermeira Gabriela Levorato Pereira, personagem principal desse capítulo, passa por momentos de tensão com a capacidade máxima de leitos atingida.

CAPÍTULO 4 – A HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE: Aqui é contado sobre o departamento de psicologia da Unidade de Emergência. A psicóloga Fernanda Longhini comenta casos que presenciou e introduz a história de uma filha que não acreditava na morte do pai porque os médicos não encontraram uma correntinha de ouro que ele sempre usava.

CAPÍTULO 5 – GIGANTE AMIGO: Esse capítulo diz respeito à história do HC-RP, contextualizando o ambiente em que todos os outros capítulos são narrados.

Será retratada a história dos profissionais da saúde que se contaminaram pelo vírus.

CAPÍTULO 6 – EU SOU O SEU MÉDICO: O coordenador clínico da Unidade de Emergência e infectologista Lucas Barbosa Agra, fala sobre a carreira que construiu no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto e histórias marcantes até a chegada da pandemia.

CAPÍTULO 7 – O QUE FICA: Esse capítulo conta os primeiros sintomas e todo o período de internação do personagem introduzindo no capítulo anterior que se contaminou com o vírus.

CAPÍTULO 8 – O SHOW DA VIDA : Faz uma rápida apresentação do caso de separação das gêmeas siamesas que aconteceu no HC em 2018 porque dois dos

médicos que participaram da cirurgia morreram vítimas da Covid-19. Neste capítulo final, também é mencionado a emoção dos médicos ao dar alta aos pacientes depois de dias ou meses de internação e por fim, é feita uma breve reflexão sobre a nova oportunidade de vida que essas pessoas tem, encerrando a obra.

9 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Até 15 de julho	Leituras e pesquisas para levantamento de dados sobre as pandemias passadas, além de estudo de conceitos acerca do livro-reportagem.
Até 30 de julho	Primeira etapa das entrevistas com os personagens para levantamento de dados técnicos.
Em agosto	Segunda etapa das entrevistas e visita na área Covid da Unidade de Emergência para execução da coleta de depoimentos.
Até 21 de setembro	Elaboração das páginas de abertura do livro
Até 30 de setembro	Elaboração dos capítulos
Até 27 de outubro	Conversa com a editora para definição de capa, registro, e diagramação do miolo do livro
Até 16 de novembro	Elaboração do E-book e revisão final independente
Até 27 de novembro	Entrega do produto final

10 RELATO DE PRODUÇÃO

Antes mesmo de iniciar o projeto do livro-reportagem, eu particularmente encontrei a dificuldade de escolher o tema sobre o qual me dedicaria ao longo do

ano. A priori, escolhi tecer uma monografia, mas diante da crise sanitária que o mundo enfrentava, me vi obrigada, como jornalista, a escrever sobre ela. O jornalismo me permitiu ouvir e contar histórias acerca do assunto mais urgente do ano de 2020: a pandemia do novo coronavírus. Não bastasse o caos no sistema de saúde mundial, nós brasileiros também lidávamos com uma forte instabilidade política que dividiu opiniões e afetou, em maior escala, as pessoas hospitalizadas, os médicos e familiares dos pacientes, principalmente no que diz respeito aos números da doença, tratamentos e medicações. Tendo isso em mente, minha proposta e objetivo foram observar de perto alguns dos profissionais que enfrentam a doença de frente enquanto o resto do mundo se abriga em casa. Pessoas essas que sentem o cheiro da morte todos os dias e mesmo assim continuam respirando, que perdem todos os dias pacientes, colegas de profissão e familiares pela doença, mas continuam cuidando dos familiares e amigos dos outros colocando as próprias vidas em risco. É evidente que entrar em uma Unidade de Terapia Intensiva diante da pandemia e do colapso que o sistema de saúde de um dos hospitais mais renomados de Ribeirão Preto enfrentava não é uma tarefa fácil. Eu poderia, sim, apenas colher depoimentos dos profissionais de saúde que ali trabalhavam, mas o resultado do livro não seria nem de longe tão certeiro quanto se eu estivesse dentro da área covid. Diante de todos os riscos que eu correria estando na UTI, é evidente que precisou haver muita conversa e justificativa da minha parte para a realização de tal atividade. O processo, no entanto, não foi uma dificuldade desgastante. A assessoria do hospital, juntamente ao diretor clínico da Unidade de Emergência, me proporcionou uma resposta rápida e bastante assistida a respeito do meu pedido. Ademais, todos os meus entrevistados foram extremamente solícitos. Realizar esse trabalho me permitiu crescer não somente como jornalista, mas como pessoa, como ser humano. Aprendi com cada um dos personagens e cada um dos doentes que vi. Passei madrugadas escrevendo e me atentando a cada detalhe que presenciei no hospital, principalmente porque, para a minha segurança, ficou acordado que eu deveria entrar sem qualquer papel ou objeto de gravação na área da entrevista com os profissionais da saúde, pois o mínimo objeto poderia ser alvo de disseminação do vírus. Essa experiência fez com que eu precisasse de um bom desempenho de memória. Pude carregar meu celular até certo ponto, onde era possível uma breve higienização e até consegui fazer algumas fotos para registrar o momento. A

bagagem que esse trabalho me proporcionou foi única, em partes dolorosas (isso o leitor entenderá no decorrer do livro), mas muito especial. Levarei o processo para sempre m minha memória e coração.

11

CONSIDEREÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs, como objetivo final, desenvolver um livro-reportagem cujo conteúdo relatasse a rotina de cinco profissionais da saúde da Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo durante a pandemia do novo coronavírus observando se fatores externos são capazes de influenciar o quadro emocional tanto por parte desses profissionais quanto das pessoas hospitalizadas e seus familiares. A intenção de pesquisar essa temática surgiu da necessidade de informar o cotidiano de pessoas que, diante da maior crise sanitária desde a Gripe

Espanhola, em 1918, arriscam diariamente suas vidas para salvar vidas de outras pessoas, lidando com inúmeras cobranças e, ainda assim, buscando a isenção e humanização dos atendimentos. O desenvolvimento do estudo, baseado no trabalho em campo no ambiente fechado e altamente controlado que é a área covid do HC, possibilitou uma radiografia completa acerca dos efeitos da pandemia em Ribeirão Preto e da rotina de cada personagem no próprio local de trabalho.

Como resultado, atingindo os objetivos já esperados, pôde-se enxergar que tudo o que acontece fora do ambiente hospitalar, durante uma pandemia, pode sim afetar o trabalho dos profissionais da saúde que atuam na linha de frente. O cenário político, econômico e as *fake news* sendo compartilhadas em massa nas redes sociais e, evidentemente, o próprio isolamento social, geram confusão nas pessoas hospitalizadas, na equipe médica e nas famílias que muitas vezes não compreendem a impossibilidade da despedida ou do contato com o ente querido durante a internação e cobram os médicos por isso. Muitos pacientes se recusam a fazer o tratamento mais invasivo (entubação) diante das poucas certezas acerca do vírus e do modo dele de agir no organismo, sobrecarregando, então, o quadro emocional dos médicos e enfermeiros.

O caos no sistema de saúde do Hospital das Clínicas, Campus e Unidade de Emergência, com a ocupação máxima de leitos atingidos, se deu principalmente depois de uma flexibilização permitida pelas autoridades municipal e estadual, também causando estresse nos enfermeiros operacionais responsáveis pelo Núcleo Interno de Regulação de Leitos (NIR) da Unidade de Emergência porque mesmo com novos leitos de UTI abertos no Hospital, a ocupação das camas depende do bom funcionamento operacional desse setor. Caso haja falhas, há um alto risco de colapso no sistema e muitos pacientes podem ficar sem vagas ou horas na fila de espera, agravando seu estado de saúde, portanto as enfermeiras da unidade de regulação são altamente pressionadas para aperfeiçoar as internações.

Concluiu-se, também, que a humanização hospitalar ganhou ainda mais força durante a pandemia, já que os hospitais usaram muito das vídeo-chamadas e os profissionais foram ainda mais atenciosos e solidários entre si e com os pacientes, procurando entender e amenizar a angústia de cada um.

Por fim, a pesquisa possibilitou entender que há a necessidade de um olhar mais atento aos profissionais da saúde que atuaram na linha de frente nessa

pandemia, uma vez que eles apresentam maiores riscos de desenvolver transtorno de ansiedade ou de estresse pós traumático (TEPT) junto aos idosos, enlutados e pacientes hospitalizados. Diante dessa última conclusão apresentada, dada sua importância e gravidade, torna-se cabível uma nova pesquisa, tendo como foco principal o acompanhamento desses profissionais da saúde passado o período de enfrentamento.

REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at John Hopkins University (JHU). Disponível em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 05/06/2020

DOIS doentes, um respirador e um médico para decidir**. PÚBLICA,** 2020. Disponível em:< https://apublica.org/2020/04/dois-doentes-um-respirador-e-um-medico-para-decidir>. Acesso em: 27/06/2020

ESTUDO mostra que Ribeirão Preto é a 3ª cidade paulista em propagação do coronavírus. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/06/03/estudo-mostra-que-ribeirao-preto-e-a-3a-cidade-paulista-em-propagacao-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 04/06/2020

LAGE, Nilson. **A Reportagem:** Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística (7a ed.). Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura (4a ed.). São Paulo: Editora Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista**: Responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-Reportagem**: origens, conceitos e aplicações. Para apresentação do Regiocom 2009 na Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em <https://docplayer.com.br/372037-Livro-reportagem-origens-conceitos-e-aplicacoes.html>.Acesso em 30 de maio de 2020.

APÊNDICE

DECUPAGEM: Entrevista com o médico infectologista Lucas Agra (a única entrevista feita fora da Unidade de Emergência, pelo WhatsApp**)**

PERGUNTAS ENVIADAS:

- Quando foi que teve a certeza de cursar medicina? Sempre foi um sonho?
- Como foi que soube da aprovação para a residência no HC de Ribeirão? E por que escolheu a infecto como especialização?
- Como foi a adaptação em Ribeirão?
- Consegue descrever como foram os anos de residência? Você se lembra do primeiro dia no HC? Como era ser aluno e ter a oportunidade de aprender com os médicos da área? Alguma situação foi marcante durante esses anos?
- Existe algum/alguma paciente que você se lembra constantemente? Ou que te tocou de alguma maneira? Que você tenha acompanhado durante anos?
- Quando foi que o HC começou a se preparar para receber os pacientes com Covid? Houve reuniões de planejamento? Algumas você se lembra com mais clareza e poderia descrevê-las? Essas reuniões aconteceram em Ribeirão? Ou houve alguma em São Paulo?
- Como foi a adaptação da Unidade de Emergência para enfrentar o coronavírus? Quais os critérios para decidir onde ficaria a área vermelha? E o "fechamento" de um dos andares do CTI para tratar exclusivamente da doença?
- Houve escolha da equipe que se limitaria a trabalhar nesses setores? Se sim, como foi feita essa escolha?
- Quando a doença teve sua maior taxa de infecção em Ribeirão Preto, qual era a situação da UE? Como era trabalhar na coordenação nesse contexto mais caótico do sistema de saúde?
- Quanto a época em que você adoeceu, que dia começaram os primeiros sintomas? Quais eram eles? Qual foi sua rotina nesse dia? E nos dias subsequentes? Quanto tempo levou, desde o primeiro dia com sintomas, até a internação?
- Pode descrever a internação? O que sentiu lá? A situação do seu quadro clínico? Teve algum dia que achou que não aguentaria? Sua alta foi no dia do aniversário? Como foi esse dia?
- Você até chegou ser ameaçado durante a pandemia, certo? Como eram essas ameaças? De que forma te afetou?

RESPOSTAS:

Eu tive dificuldade por um tempo de saber o que eu iria fazer para o resto da minha vida. Obviamente se eu fosse escolher algo que eu amasse de todo coração teria sido ser jogador de futebol. Mas eu decidi ser médico quando estava entre a sétima e oitava série quando eu conheci a história de um medico, um neurocirurgião negro que fez a divisão das gêmeas siamesas lá na década de 80, chamado Ben Carson. E eu decidi ali que eu queria fazer algo grande, que eu queria fazer algo que

pudesse de forma diferente e de modo que trouxesse uma ilustração de onde eu vim e o que eu estou oferecendo agora para a sociedade. Então eu me inspirei muito na vida do Ben Carson quando eu resolvi fazer medicina. Aí eu fiz o ensino médio, tentei de todas as formas passar no vestibular, e acabei entrando na primeira turma do ProUni logo que ele foi proposto. E aí quando eu entrei na faculdade, bem certo de que eu queria ser um novo grande neurocirurgião, eu consegui desistir no primeiro dia durante o breve contato que tive com a equipe de neuro da faculdade. Eu disse para mim mesmo: eu não quero ser essa pessoa, não quero fazer parte disso, não quero esse padrão de comportamento. E até o quarto ano eu passei buscando o que eu queria ser depois que formasse para o resto da minha vida. Nós tínhamos professor chamado Abdon que era gênio, uma pessoa brilhante, um grande infectologista. Ele tinha um conhecimento amplo de toda a medicina e uma respeitabilidade de todos os alunos e colegas. É talvez o médico mais conceituado de Cuiabá. E eu lembro que no quarto ano a gente estava terminando o dia lá no ambulatório e de repente chegou uma família num carro vindo do interior do Mato Grosso com rapaz jovem rapaz de 17 anos. Eles não tinham agendado a consulta, não tinha nem encaminhamento chegou a mãe e o filho e a mãe disse que de lá de onde eles vinham, bem do interior de Mato Grosso, contaram para ela que o único médico que poderia resolver infecção que o menino tinha na perna era um tal de Doutor Abdon , infectologista de Cuiabá. Aí eles pegaram e colocaram o menino no carro e foi embora para Cuiabá para o que o doutorado atendesse. Já tava tudo praticamente fechado, mas atendeu e avaliou uma ferida muito feia, o menino tinha sofrido um acidente numa máquina agrícola ficou alguns dias internado no hospital no interior e teve uma infecção gravíssima na perna e quando Abdon viu aquela ferida viu aquela lesão ele de imediato e já falou que provavelmente era tal infecção, que acontecia assim, que alguns pacientes poderiam desenvolver assim, que ia ser muito difícil de tratar, que provavelmente vai ter que amputar a perna. Ele deu uma aula sobre uma doença típica, rara e naquele contexto que realmente depois a doença se confirmou. E desde aquele dia até hoje eu sou uma das pessoas mais realizadas em relação até escolhido ser infectologista.

Quando eu resolvi fazer infecto eu queria estudar na USP, era a única coisa que eu queria, que eu tinha certeza. Então eu queria ir para hoje eu prestei todas as provas que existiam de residência passei em Cuiabá para treinar na Unifesp que é a

Escola Paulista de Medicina, passei no Hospital do Servidor Estadual em São Paulo, passei no hospital de Heliópolis em São Paulo, passei na Unicamp, passei na USP aqui, no Emílio Ribas e só não passei na USP de São Paulo. Acabei vindo para Ribeirão Preto muito feliz aonde pude ter as melhores experiências da vida acadêmica possível.

A residência de infectologia no primeiro ano a gente acompanha a área de clínica médica gente passa em todas as áreas gerais da clínica médica depois que a gente fica mais focado na área de infectologia. A gente acaba seguindo os pacientes com HIV e o perfil dos pacientes com HIV que a gente acompanha no HC é bem diferente dos pacientes com HIV que eu atendo hoje no consultório. São pacientes quase sempre estão em situações de risco, pessoas em situação de rua, usuário de droga, pessoas com algum tipo de doença crônica, algum tipo de transtorno mental, uma pessoa que vivem em na prostituição, são pessoas com liberdade restritos, extremamente fragilizados expostos e vulneráveis a qualquer tipo de doença. A minha vivência em infectologia me fez um ser humano melhor, me aguçou a empatia, a solidariedade que eu tenho certeza que hoje eu consigo me colocar muitas vezes no cenário do outro. Entre tantas vitórias assim eu tenho, uma história triste aqui me acompanhou muitos anos: uma paciente que eu fiz o diagnóstico de HIV e nós tivemos um apego, uma relação maravilhosa médico-paciente, durante anos, quando depois de algum tempo eu tive que fazer o diagnóstico dela também de tuberculose e depois do diagnóstico do câncer. Eu acompanhei ela até o final da vida, quando ela, ao longo desses quase três anos de seguimento, acabou partindo. Descansando. A gente convive com histórias muito sombrias muito trágicas de pessoas jovens morrendo e isso pesa bastante. Então a gente tenta comemorar as pequenas vitórias nesse mundo da infectologia, principalmente porque elas não são tão frequentes e a gente tenta valorizar ao máximo.

Parece que foi tudo muito maravilhoso né, mas eu tive algumas questões pessoais difíceis durante a residência. Eu comecei no estágio muito pesado a unidade de emergência onde o supervisor médico tentava de toda a forma diminuir quem eu era, tentava toda forma medir o que eu sabia mesmo sendo meu primeiro dia em um hospital diferente, cidade diferente, uma rotina diferente. E eu lembro de chegar em casa na primeira semana e pensar assim: eu não quero isso, eu quero desistir. Mas durou uma semana durou só a primeira semana porque os dois

residentes que me acompanharam eram pessoas tão incríveis estão maravilhosas que tornaram toda aquela dificuldade do início muito pequena.

No final do R1 eu resolvi montar uma chapa para concorrer a Presidente da Associação dos médicos residentes do HC. E aí foi uma luta interessante porque eu era de fora. E houve um movimento para tentar derrubar essa chapa Algumas pessoas da chapa anterior mandavam mensagens assim: pessoal vamos valorizar nossos colegas residentes que são da casa ao invés de votar em quem tá vindo de fora. Mas eu tinha conseguido uma mobilização tão grande, mas tão grande ,que nós conseguimos nos eleger com talvez três vezes o número de votos da chapa que era de todos formados aqui em Ribeirão. Fui o primeiro presidente formado fora por dois anos consecutivos e isso engrandeceu demais também o meu senso de organização e a disposição e modificar algumas estruturas de pensamento para melhorar a vida das pessoas e tornar alguns cenários menos injustos. Ali foi um momento de exercício muito grande para se discutir diferenças pontos de vistas opiniões diferente porque eu pude participar não só dá associação de Ribeirão Preto mas da assosiação que era do Estado de São Paulo, um grupo muito amplo que nós criamos de todas as Universidades do Estado de São Paulo, onde tivemos uma troca de experiências na militância das associações de ensino de residência médica brigando ,inclusive, na última paralisação dos médicos residentes que conseguiram aumento no salário.

El parece irônico né, mas com tanta história, com tanta coisa boa na infectologia, por ironia do destino quase que todo que começou e que tomou proporções tão grande na minha vida quase que se encerra no mesmo lugar, eu fiquei doente acabei internado no local onde eu acabei construindo a minha trajetória de ensino. Era uma segunda-feira, eu estava organizando uma viagem naquela semana para fazer uma consultoria em um hospital em Goiás e a semana estava todo vapor tentando resolver problema de todos os hospitais, na época eu estava acho que coordenando seis hospitais, tentando resolver problema de vários lugares e de segunda para terça eu acordei de madrugada com calor corpo estranho, muito estranho. Aí eu tive que tomar um banho e consegui voltar a dormir, mas eu fiquei até terça-feira todo dia ruim e trabalhando trabalhando, mas nem me toquei. No final do dia eu cheguei em casa e a minha mulher falou vamos medicar a temperatura? E tava lá na casa dos 38.8. Aí eu fiz a conexão de que no sábado de manhã eu atendi

um paciente no consultório, um paciente que estava tão desconfortável , tão cansado e tossindo tanto que ele não conseguia ficar com a máscara no rosto. E ali que foi provavelmente onde eu fui infectado. Nos dias que se seguiram, na quarta-feira eu fui fazer o teste o teste, mas deu negativo. E aí eu comecei a fazer febre e não parei mais não parei mais. Fiquei com febre na quarta, fiquei com febre na quinta, quando eu resolvi repetir o teste porque eu tava pior , com dor de cabeça e muita dor no corpo e febre. fiz o teste e fiz uma tomografia porque acharam que tinha alguma coisa no pulmão e realmente a tomografia mostrou que eu tinha uma mancha no pulmão e o teste naquele dia veio positivo. Dali eu acabei começando a tomar mais medicamentos para controlar os sintomas e no domingo eu tava com muita falta de ar, com a oxigenação por volta de 87, 88%. E eu comecei a espirrar sangue ,que a gente chama de hemoptise. E aí que foi o sinal de alerta. E na segunda cedo eu fui para o hospital preparado para ficar muitos dias porque eu sabia que não estava bom. E desde na segunda-feira, quando eu acabei sendo internado usando meio litro de oxigênio e na segunda-feira seguinte eu estava usando 5 litros de oxigênio. Ou seja numa semana eu precisei aumentar em 10 vezes a quantidade de oxigênio para tentar não ficar cansado e com falta de ar. E o que mais me angustiava é porque eu ia piorando dia após dia de independente das ações e medidas que a gente tentava fazer.

No meu pior dia, que foi no dia 13 de julho, dia que minha avó era viva até o ano passado, e faria aniversário e naquele dia, foi o pior dia de todos. O pior dia físico, mas não foi o pior espiritual. Tudo porque eu ia fazendo febre todos os dias, nada responder aos tratamentos, eu não conseguia comer, eu vi o olhar das pessoas e pensei assim: não vai dar certo, tem alguma coisa dando errado. E naquela segunda-feira eu não consegui escovar os dentes e não consegui sair da cama, não consegui beber água, não consegui nem me mover de tanta falta de ar, eu pedi depois uma bacia para poder lavar o rosto. Naquele dia eu fui tomado por uma paz né explicável ou explicável como se Deus consolasse meu coração diretamente com as mãos e como se o coração de todas as pessoas que me amavam chegasse até a mim e me tranquilizasse porque num pior dos momentos. Eu não ia pensar em nada que pudesse atrapalhar que ela sensação de plenitude. E naquele dia eu participei de um tratamento especial e experimental que milagrosamente fez com que eu melhorasse no dia seguinte e aí para tornar tudo

maior ainda. Deus caprichou tanto que permitiu que eu fosse ter alta no dia do meu aniversário e para eu entender e para dar uma noção muito maior de que eu estava nascendo de novo e coincidentemente no mesmo dia que eu nasci 35 anos atrás

Toda essa história que eu conto ela tem tem várias particularidades né, a de quase morrer por uma doença que sua especialidade, de ser internado onde você construiu a sua trajetória acadêmica e também diante disso eu tive o prazer de participar da primeira reunião que aconteceu no centro de controle de doenças em São Paulo representando HC Ribeirão Preto onde a gente não sabia que ia ser a doença, o que acontecer, a gente não tinha noção nenhuma do que estava por vir . Eu não imaginava de modo algum que alguns meses depois eu estaria internado . E nós do HC começamos a traçar mais ou menos em fevereiro o que a gente ia fazer, onde a gente isolar os pacientes, como a gente iria fazer esse isolamento, onde os pacientes seriam testados, todo esse planejamento começou lá desde fevereiro, mas eles barrou na dificuldade que a gente tem da população de compreender princípios básicos de solidariedade compaixão e empatia. De não pensar que ele não vai morrer de covid mas que outra pessoa que pegar com vídeo pode morrer e que geralmente são as pessoas mais miseráveis .Minimizar a doença que está dizimando a população mundial é no mínimo falta de respeito para humanidade, é falta de caráter. Um desafio muito difpicil para driblar era porque grande parte da população foi vítima de fake News, de mentiras mentiras que acalenta vam o coração daqueles que gostavam de seguir de forma cega assuntos e determinadas opiniões mesmo que mentirosas. Então esse é o desafio nosso como cientista que tivemos mais dificuldades do que propriamente a doença. Para piorar existe um uma coisa bem contraditória de que as pessoas tentam colocar uma culpa da explosão da doença no carnaval e as pessoas dizem “porque não fechou tudo no carnaval’. Mas se a gente não conseguiu fechar o comércio, porque nada foi fechado de verdade, se a gente não conseguiu fechar o comércio no pico da pandemia quando morria milhares de pessoas por dia no Brasil, qual a chance da gente conseguir fechar o carnaval do Brasil todo sem ter nenhum caso identificado ainda no País? E ninguém hesitava em vir me ameaçar, não foram poucas não foram uma duas três quatro de lugares diferentes e o padrão sempre se repetia: pessoas que não acreditavam na doença, pessoas que eram doutrinárias de determinado segmento político, que negavam a ciência e acreditavam que me escorraçar, que

humilhar era saída era que precisava para melhorar a situação do país, mas eu não desisti .

E depois de passar por tudo isso, depois de conviver, discutir o assunto e conversar com muita gente, cuidar de muita gente, ter a experiência de cura, a minha expectativa é de tentar trazer um pouco mais de luz, amor e conforto para o coração de tanta gente que tá angustiada de sofrendo com essa doença.

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO ENTREVISTA LUCAS AGRA

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Lucas Barbosa Agra, abaixo assinado(a), autorizo Andrielly Carolina Ferro Silva, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Por Dentro - Plantão Covid e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Ribeirão Preto, 29 de setembro de 2020.

Lucas Barbosa Agra

Assinatura do entrevistado

AUTORIZAÇÃO ENTREVISTA MARCELO MENDER

UNAERP CURSO DE JORNALISMO

Universidade de Ribeirão Preto

Campus Ribeirão Preto · Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Marcelo Mender, abaixo assinado(a), autorizo Andrielly Carolina Ferro Silva, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Por Dentro - Plantão Covid e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Ribeirão Preto, 06 de agosto de 2020.

Marcelo Mender

Assinatura do entrevistado

AUTORIZAÇÃO ENTREVISTAJÚLIO CÉSAR SALGADO

UNAERP CURSO DE JORNALISMO

Universidade de Ribeirão Preto

Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Julio César Salgado, abaixo assinado(a), autorizo Andrielly Carolina Ferro Silva, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Por Dentro - Plantão Covid e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Ribeirão Preto, 06 de agosto de 2020.

Júlio César Salgado

Assinatura do entrevistado

AUTORIZAÇÃO ENTREVISTA FERNANDA LONGHINI

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Fernanda Longhini, abaixo assinado(a), autorizo Andrielly Carolina Ferro Silva, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Por Dentro - Plantão Covid e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Ribeirão Preto, 09 de outubro de 2020.

Fernanda Longhini

Assinatura do entrevistado

AUTORIZAÇÃO ENTREVISTA GABRIELA LEVORATO PEREIRA

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Eu Gabriela Levorato Pereira, abaixo assinado(a), autorizo Andrielly Carolina Ferro Silva, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Por Dentro - Plantão Covid e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Elivanete Aparecida Zuppolini Barbi.

Ribeirão Preto, 09 de outubro de 2020.

Gabriela Levorato Pereira

Assinatura do entrevistado